

A MUSEALIZAÇÃO DE SÍTIOS — QUESTÕES RELATIVAS À FORMULAÇÃO DO PROGRAMA INTERPRETATIVO

por

Henrique Coutinho Gouveia*

SUMÁRIO

Uma noção introdutória — a musealização de sítios; da exposição à interpretação ou a tentativa de caracterização de um percurso; quatro questões relativas à interpretação de sítios: 1. A investigação como sustentáculo do programa interpretativo; 2. Definição de um critério geral de musealização; 3. Diferentes modalidades de intervenção interpretativa; 4. Articulação entre restauro e interpretação.

UMA NOÇÃO INTRODUTÓRIA — A MUSEALIZAÇÃO DE SÍTIOS

A musealização de um sítio corresponde necessariamente a uma transposição de valores patrimoniais para o plano museológico, sem que, para isso, tenham que ser deslocados do local em que se encontram¹. E sendo hoje a noção de sítio muito ampla do ponto de vista temático, pois os valores patrimoniais em causa podem revestir importância e significado em função de perspectivas disciplinares muito diversificadas ou ser objecto do interesse conjunto de diferentes domínios científicos e de vários tipos de factores de valorização cultural, é patente a amplitude que esta modalidade de intervenção museológica tenderá forçosamente a assumir, dada a generalização das preocupações patrimoniais que se verifica nas sociedades contemporâneas.

Do ponto de vista conceptual a expressão musealização de sítios justifica-se dada a necessidade de introduzir uma distinção relativamente ao caso dos museus de sítio, em que a gestão dos valores patrimoniais em causa conduz à

* FCSH-UNL

¹ Embora sendo evidente que o património de um sítio pode compreender igualmente testemunhos móveis, não serão estes que o caracterizam, constituindo mesmo preocupação actual neste domínio a manutenção do seu relacionamento com os elementos conservados «in loco».

organização de uma estrutura museológica completa, que se diferencia da de outras instituições congéneres apenas pelas características especiais do seu acervo, situado predominantemente no domínio do património imóvel.

No caso da musealização de sítios, a organização a criar poderá projectar-se apenas em alguns dos sectores funcionais do trabalho de museu, assumindo, por conseguinte, um modelo parcelar e simplificado e remetendo para instituições diferenciadas determinados tipos de respostas. Embora se possa considerar que a incidência dominante, no caso da musealização de sítios, seja de ordem interpretativa, a noção agora apresentada permite igualmente que a transposição para o plano museológico inicialmente referida possa contemplar prioritariamente outros aspectos do trabalho de museu, excluindo mesmo o interpretativo e de divulgação.

Constituindo a interpretação de sítios, em particular algumas das questões inerentes à elaboração do respectivo programa, o objecto do comentário a que se irá proceder, julgou-se oportuno introduzir preliminarmente, e ainda que de modo sintético, estas considerações.

DA EXPOSIÇÃO À INTERPRETAÇÃO OU A TENTATIVA DE CARACTERIZAÇÃO DE UM PERCURSO

A musealização de sítios veio prosseguir, no plano interpretativo, uma série de transformações fundamentais operadas, no domínio museológico, no âmbito da utilização pública dos testemunhos culturais.

Parece correcto tomar como primeira referência desse conjunto de transformações a adopção de critérios científicos na encenação da exposição permanente dos museus de história natural, que, entre nós, poderá reportar-se ainda ao período setecentista mas que, só no século seguinte, virá a adquirir verdadeira expressão.

A comparação que se poderá estabelecer, recorrendo aos elementos iconográficos disponíveis referentes ao período pré-científico anterior e à ilustração geográfica já abundante na fase de consolidação dos arranjos científicos da exposição, permitirá avaliar melhor a importância e significado do processo² (Est. I-1/2).

² A exposição de um museu como o de Ferrante Imperato (1550-1630), em Nápoles, revelava um acervo diversificado, integrando «objectos testemunhos» que projectavam o conhecimento de então quer no passado, quer em novos horizontes geográfico-culturais. A interpretação das colecções expostas seria feita oralmente, requerendo com frequência a presença e o comentário de um erudito.

Na segunda metade do século XIX, o arranjo inicial da Sala de Zoologia do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra passaria a ser orientado por critérios taxonómicos, procurando

A evolução verificada no contexto museológico oitocentista, muito particularmente no seu período final, proporcionou uma segunda alteração qualitativa fundamental relativamente à apresentação das colecções, passando esta a orientar-se por preocupações educativas tendo já como objectivo a sensibilização de públicos massificados, que as grandes exposições, então em período de plena expansão, tinham introduzido no panorama museológico³.

Esta nova orientação virá depois a ser objecto de desenvolvimentos múltiplos, assumindo particular relevo a via do serviço educativo e todo o contributo daí adveniente para o enriquecimento da utilização pedagógica do acervo dos museus.

No nosso país são detectáveis alguns dos contributos transferidos da encenação das grandes exposições públicas para o domínio dos museus, vindo o serviço educativo a ser considerado como um dos seus sectores constitutivos, na sequência das preocupações pedagógicas que o Dr. João Couto sempre assumiu⁴.

Os antecedentes de uma terceira mudança substancial, no plano da interpretação e divulgação dos testemunhos culturais — que na musealização de sítios virá a ter uma das suas formas de concretização mais significativa — não deverão centrar-se nos museus ao ar livre norte-europeus em que, pelo menos inicialmente, não é detectável, relativamente à exposição encenada em espaços fechados, uma transformação essencial no modo de apresentação do acervo⁵ (Est. I-3).

Essa nova via de renovação interpretativa tem de facto início nas preocupações de índole museológica que originam, no sub-continente norte americano, a criação de parques nacionais e a conservação e valorização pública de campos de batalha ou mesmo das residências de figuras históricas.

O percurso então iniciado, e que viria a originar novos modelos institucionais como os parques naturais e reservas, o ecomuseu nas suas diferentes modalida-

constituir um modelo científico de representação da realidade documentada. No entanto só podia ser devidamente compreendido pelo público que possuísse formação adequada, tal como transparece nos relatos que alguns visitantes cultos deixaram, pelo menos, embora sensivelmente diferenciada do ponto de vista metodológico, a exposição continuava a apresentar características fortemente restritivas em termos do seu relacionamento com o público visitante.

³ Situando-se na mesma linha de preocupações, os critérios de encenação modernamente adoptados pelos museus procuram, através de uma combinação equilibrada dos exemplares das colecções, da informação escrita e de diversos tipos de material de animação, que as suas exposições se tornem compreensíveis para a generalidade dos visitantes.

⁴ Director do Museu Nacional de Arte Antiga de 1938 a 1960 e principal renovador da museologia portuguesa contemporânea.

⁵ Na verdade, nos primeiros museus ao ar livre como, por exemplo, o de Bigdoy, em Oslo, a disposição dos exemplares do património construído na área de um parque apresenta fortes semelhanças com a do arranjo do mobiliário de exposição nas salas de outros tipos de museus, dado que se pode constatar, em ambos os casos, uma idêntica liberdade de intervir no espaço de instalação.

des e os museus de sítio e de monumento, propõe como característica inovadora o tratamento museológico da realidade ambiental e de valores patrimoniais não deslocados⁶.

A introdução desse tipo de concepções no plano museológico passou a permitir perspectivas de intervenção que, podendo deixar de situar-se no contexto institucional do museu, vêm confirmar uma progressiva autonomização de algumas das suas modalidades essenciais de trabalho, como a conservação e a interpretação.

A metodologia e prática museológicas tendem então a projectar-se em realidades culturais cada vez mais vastas, em termos de identificação e selecção dos objectos musealizáveis, desencadeando-se assim a possibilidade de intervenção na vasta gama de valores patrimoniais correspondente aos sítios, monumentos ou mesmo a testemunhos culturais isolados⁷ (Est. I-4).

As possibilidades interpretativas resultantes desta mudança constituem um passo qualitativo equiparável aos advenientes da transposição para o museu da metodologia do trabalho científico e da generalização das suas preocupações comunicacionais e pedagógicas, que já anteriormente foram sublinhadas.

A natureza e as consequências da mudança aqui caracterizada permitem também justificar a proposta, baseada numa concepção apresentada por Freeman Tilden, de que se passe a utilizar um vocábulo de significado mais amplo como «interpretação», englobando aí a componente do trabalho de museu habitualmente designada por «exposição»⁸. Daqui resultaria também um maior apuramento terminológico, a operar em função do aprofundamento do conceito de exposição, da sua metodologia e potencialidades comunicativas.

Contemporaneamente, parece desenhar-se ainda uma outra transformação com consequências comparáveis no plano interpretativo, que é a operada mediante a introdução de modelos tridimensionais abstractos no sistema de comunicação dos museus. Ultrapassar-se-ia assim, no plano de transposição das ideias para o domínio museológico, a limitação apontada por H. J. Swinney, restringindo essa possibilidade àquelas que fossem susceptíveis de ser traduzidas

⁶ No plano interpretativo, a musealização de um testemunho «in situ» traduz-se fundamentalmente pela introdução de um elemento informativo — escrito, iconográfico, sonoro — que o assinala, identifica e torna compreensível para o público.

⁷ A musealização de testemunhos culturais integra hoje o quotidiano, tal como sucede no caso do barco rabelo ancorado junto a Vila Nova de Gaia, que a fotografia apresenta, pois o facto de a sua vela se encontrar desfraldada apenas se justifica por razões de ordem estética e interpretativa.

⁸ V. *Interpreting Our Heritage*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1978, p. A interpretação corresponderá portanto ao tratamento operado sobre um bem cultural, visando tornar mais compreensível a sua qualidade de testemunho.

por meio de artefactos⁹.

QUATRO QUESTÕES RELATIVAS À INTERPRETAÇÃO DE SÍTIOS

1. A investigação como sustentáculo do programa interpretativo

A tentativa de caracterização sumária dos principais tipos de mudança de que foi objecto o processo de interpretação de testemunhos culturais, feita na introdução, permite situar num contexto geral algumas das questões suscitadas nesse plano pela chamada musealização de sítios.

Os exemplos que irão sustentar o comentário comparativo que se segue provêm de projectos de musealização de sítios cujo interesse cultural se situa nos domínios da tecnologia e da etno-tecnologia, localizados na região do baixo Mondego, nos concelhos de Penacova e da Figueira da Foz, sendo os testemunhos em causa conjuntos de moinhos de vento e de fornos de cal e um moinho de maré¹⁰.

Com excepção de um dos fornos de cal, todos estes testemunhos se encontravam desactivados e parcialmente arruinados quando do lançamento dos projectos, embora os seus períodos finais de elaboração se tivessem situado já no século actual. Também só no caso do moinho de maré é que se tornou possível proceder a estudos analógicos mediante a observação e análise de realidades funcionais

⁹ V. Introductory Essay in Armita Neal, Exhibits for the Small Museum, Nashville, AASLH, 1976, p. 5, em que este Autor propõe os seus conceitos de «artifactual idea» e «non-artifactual idea», que se consideram, por conseguinte, como excessivamente limitativos.

A utilização de modelos realistas miniaturizados ou ampliados já tinha permitido aos museus ultrapassar alguns dos condicionamentos inerentes às dimensões dos objectos que se pretendiam integrar na exposição. A generalização deste tipo de solução cénica viria permitir igualmente ultrapassar barreiras temporárias, por exemplo, os jardins zoológicos a poder incluir a fauna correspondente aos tempos pré-históricos graças à presença de modelos que hoje passaram inclusive a ser sonorizados e dotados de movimento (Est. II-1).

A possibilidade de introduzir ideias abstractas no discurso expositivo, através do emprego de modelos tridimensionais generalizadamente compreensíveis como se verifica no caso da pirâmide etária ou de estruturas moleculares e atómicas, poderá assim permitir novos avanços no plano da comunicação museológica.

¹⁰ Em 1987 teve lugar na Figueira da Foz, por iniciativa do então Departamento de Etnologia do Instituto Português do Património Cultural, um Seminário sobre a Musealização de Sítios, em que, com a colaboração de especialistas estrangeiros e mediante a análise de um conjunto tematicamente diversificado de projectos de musealização, todos localizados na zona do baixo Mondego, se procurou fazer uma primeira análise deste tema e das suas incidências num contexto regional. Este trabalho vem retomar algumas das questões então abordadas no caso de sítios da área da tecnologia. V. Henrique Coutinho Gouveia e Margarida Chorão de Carvalho, A Musealização de Sítios na Área da Etnologia. Os Conjuntos de Moinhos de Ventos da Portela de Oliveira e de Fornos de Cal do Casal de Santo Amaro, e António Eduardo de Mendonça e Isabel Sousa Pereira, Moinho das Doze Pedras. Lavos — Figueira da Foz, Seminário Musealização de Sítios, Coimbra, 19-24 Outubro 87, IPPC — Centro de Formação e Estudos e Departamento de Etnologia, 51 p. e ilus. e 22 p. e ilus.

tecnologicamente comparáveis.

A orientação metodológica do trabalho de pesquisa que fundamentou estes projectos procurou conjugar uma perspectiva sincrónica no estudo praticamente exaustivo dos elementos em causa e da sua distribuição em áreas envolventes relativamente amplas, com formas de análise diacrónica em que procuraram detectar-se quaisquer possíveis transformações verificadas numa mesma área ao longo do tempo¹¹.

Foram tidos ainda em atenção os processos de complementaridade técnica que se podem verificar, no caso da moagem, entre engenhos utilizando diferentes formas de energia e as modalidades de articulação que se verificam sempre entre as actividades transformadoras e os processos de obtenção de matérias primas e de combustíveis e de posterior distribuição e comercialização dos produtos resultantes.

As preocupações que se acabam de enunciar implicaram a necessidade de formas de conjugação disciplinar, envolvendo a etnologia, a história e a arqueologia, na pesquisa da evolução e transformações tecnológicas dos sítios, e a arquitectura paisagística e a botânica para resolução de problemas do âmbito de reinserção e do arranjo ambiental dos testemunhos¹².

Uma tal chamada de atenção para as questões que os processos de musealização de sítios colocam no plano da pesquisa permite sublinhar, uma vez mais, a questão, tão frequentemente objecto de análise, da articulação íntima entre a investigação e o programa de interpretação.

Com um propósito exemplificativo, será de apontar o facto de a escolha final do conjunto de moinhos de vento, cuja musealização se encontra em curso, ter sido fundamentada numa maior riqueza tipológica dos exemplares que o integram, dado resultante do programa prévio de pesquisa sobre os sistemas de moagem da região.

A necessidade de correcção da actual configuração morfológica do terreno onde se localizam os fornos de cal em que incide o segundo projecto, de modo a que se possa vir a reconstituir a antiga rede de acessos, recuperando assim factores interpretativos fundamentais, poderá ser também invocada a este propósito¹³ (Est. II-3).

¹¹ No caso do moinho de maré, por ser o único que subsiste no estuário do Mondego, essa análise comparativa operou-se de forma bastante mais alargada.

¹² A análise diacrónica do fabrico de cal no concelho de Penacova conduziu a trabalhos de escavação nos fornos mais antigos, que já se encontravam soterrados, e que permitiram comprovar diferenças tipológicas sensíveis relativamente aos de utilização mais recente (Est. II-2).

¹³ A substituição da antiga «estrada real» por uma nova via rodoviária de origem, neste caso, a transformações na configuração do terreno, que dificultavam a compreensão do funcionamento de alguns dos fornos, pois a sua laboração implica acessos que possibilitem o seu abastecimento em matéria prima e combustível e o escoamento da produção.

A perspectiva inversa, que corresponde a um reaprofundamento do trabalho de pesquisa, dada a necessidade de uma conveniente interpretação de algumas das características dos testemunhos, pode ser exemplificada considerando que a existência de frechais de pedra bem visíveis nas ruínas de alguns dos moinhos do conjunto em análise determinou uma reorientação da pesquisa, que possibilitasse a compreensão da presença desses elementos e, conseqüentemente, a sua interpretação¹⁴ (Est. III-1).

2. Definição de um critério geral de musealização

Na concepção do programa de interpretação de um sítio será de distinguir agora uma segunda ordem de questões, projectando-se nos planos arquitectónico e ambiental, e que corresponde à definição de um critério orientador para a recuperação do seu valor como testemunho.

As respostas a esse conjunto de questões irão determinar as formas de tratamento dos valores em causa e qual o seu modo de articulação com os elementos informativos e de animação a introduzir e os serviços de apoio a instalar. A aparência geral do sítio uma vez musealizado irá traduzir precisamente as opções aqui assumidas.

Compreendem-se ainda neste âmbito as decisões relativas ao destino a dar a construções intrusas ou profundamente adulteradas, existentes na área do sítio, e à aparência geral dos projectos daquelas que, porventura, se torne necessário vir a edificar em conformidade com o programa aprovado¹⁵.

No caso exemplificativo do projecto relativo ao conjunto de moinhos de vento, as decisões tomadas neste âmbito conduziram a que a recuperação dos vários exemplares viesse a diferir dos pontos de vista arquitectónico e funcional, consoante os objectivos pretendidos, circunscrevendo-se, em alguns casos, à consolidação das ruínas existentes.

¹⁴ Com efeito, a presença desse tipo de frechal com um rasgo circular cimeiro e orifícios regularmente dispostos na face interna, para introdução de arganeis, e de outros elementos funcionais, como um outro frechal de madeira preparado para a colocação de rodinhas, prova que houve modificações ao longo do tempo nas características técnicas desses engenhos. Sobre o assunto, v. Henrique Coutinho Gouveia, *Moinhos de Cereais da Bacia Hidrográfica do Mondego. Aspectos da sua Evolução e Complementaridade*, Lisboa, INATEL, Gabinete de Etnografia, 1991.

¹⁵ Foi assim que, no caso do projecto relativo aos moinhos de vento da Portela de Oliveira, foi programada a reutilização, como centro interpretativo, de uma construção que desvirtuara completamente um dos exemplares do conjunto, abdicando-se, por conseguinte, da sua recuperação enquanto testemunho. Esta decisão seria mesmo sublinhada depois pelo tratamento arquitectónico da adaptação a realizar, em que se procurava anular a presença do antigo moinho, tal como mostra um dos esboços propostos (Est. III-2).

Seriam ainda decisões de orientação geral que viriam a determinar que se procedesse à recuperação da cobertura vegetal primitiva na área do sítio em que se encontram os moinhos, devendo, pelo contrário, ser estudado um arranjo paisagístico diferente para a zona de implantação do centro interpretativo e dos edifícios de lazer e de apoio aos visitantes. A adopção deste duplo critério visava conferir ao enquadramento paisagístico do património construído considerado como testemunho um papel de complemento interpretativo, enquanto que, no caso dos edifícios de apoio, as preocupações se transferiam para o plano estético e o domínio do bem estar.

Esta questão poderá ser, no entanto, melhor compreendida tomando como caso exemplificativo o de um sítio gerido por um museu, como é o campo militar de Aljubarrota, sendo de observar que aí se optou por dotá-lo com a aparência geral de uma área ajardinada, subordinando a esse critério as propostas de identificação dos dispositivos tácticos adoptados e dos eixos de movimentação dos exércitos em presença (Est. III-3). Ao sítio assim interpretado foi pois conferido, deliberadamente, um aspecto geral muito distante daquele que teria tido quando se travou ali a batalha, o que traduz uma orientação diferente daquelas que foram adoptadas no tratamento de outros campos militares.

3. Diferentes modalidades de intervenção interpretativa

Os centros interpretativos e o seu carácter necessariamente complementar no contexto dos programas de musealização de sítios constituem o terceiro dos temas objecto de comentário neste estudo.

Como anteriormente foi sublinhado, o valor dos sítios como testemunhos reside em factores culturais ou ambientais que lhes são inerentes e que, mediante um programa de musealização adequado, são objecto de pesquisa, conservação e interpretação.

No caso desta última, um programa de musealização proporá habitualmente a introdução de equipamentos informativos e de animação, que possibilitem a identificação e compreensão dos valores patrimoniais conservados «in loco» e que orientem o percurso de visita, de modo a proporcionar uma compreensão global da importância e significado do sítio (Est. III-4).

Resulta daqui que, no caso de o programa de musealização vir a compreender a existência de um centro interpretativo, o seu papel seja considerado como complementar, recorrendo-se aí à modalidade de explicação e divulgação do valor e significado cultural dos testemunhos que anteriormente se designou por exposição.

Sendo assim, serão de distinguir, no programa de musealização de um sítio, duas modalidades de intervenção, devendo uma ser considerada como fundamental e característica do processo e a outra como complementar, podendo mesmo ser dispensada.

Dos três projectos que têm fornecido os exemplos ilustrativos necessários a esta análise, o relativo à moagem eólica compreende a instalação não só de um centro interpretativo como ainda de pólos adicionais, distribuindo-se por alguns dos moinhos em que uma recuperação arquitectónica incidindo apenas nos aspectos exteriores proporcionaria essa forma de reutilização¹⁶. No caso dos fornos de cal, encontra-se também previsto o que se poderá designar por utilização da exposição como modalidade interpretativa complementar, pretendendo-se vir a excluir essa solução no programa relativo ao moinho de maré.

As considerações avançadas a este propósito permitem ainda assinalar o carácter introdutório e sinóptico que deverá revestir a exposição prevista para o centro interpretativo do conjunto de moinhos de vento, sendo essa a orientação que poderá presidir, com frequência, a este tipo de componente. Já nos pólos adicionais a instalar em moinhos recuperados apenas exteriormente, a exposição permitirá aprofundamentos explicativos de natureza tecnológica e a introdução de apontamentos biográficos relativos aos moleiros que deles se ocuparam e a aspectos sócio-económicos do seu trabalho.

A existência de componentes relativamente complexas, como são os centros interpretativos, pode aproximar os processos de musealização de sítios daqueles que têm como objectivo a criação de museus de sítio.

No entanto, tal como se acentuou na rubrica introdutória deste artigo, este último tipo de proposta pressupõe a criação de instituições autónomas com um modelo de organização e funcionamento idêntico ao dos restantes museus, enquanto que, no caso dos sítios musealizados, haverá apenas recurso a algumas das modalidades do trabalho de museu, não sendo a estrutura criada dotada de autonomia.

4. Articulação entre restauro e interpretação

Esta série de questões, analisadas por enquanto com objectivos fundamentalmente exploratórios, concluir-se-á com uma apreciação de alguns dos problemas que a elaboração do programa interpretativo de um sítio pode colocar

¹⁶ Seria de reservar para situações deste tipo a expressão «aproveitamento museológico», utilizada por vezes com um sentido equivalente ao de «musealização», e que passaria portanto a designar a mera utilização de elementos do património construído para a instalação de uma estrutura museológica.

relativamente ao restauro dos valores patrimoniais que o integram.

A insuficiência informativa apresenta-se, desde logo, como uma das principais condicionantes dos processos de restauro, sendo conhecidas as precauções com que se deverá proceder no caso do recurso a vias analógicas.

A necessidade de reconstrução do património edificado surge, com alguma frequência, associada à da recuperação do seu valor como componente da paisagem, situação facilmente evidenciável no caso de qualquer um dos projectos que têm vindo a ser referenciados a título exemplificativo. Daí provem a justificação de se virem a recuperar exteriormente a generalidade dos moinhos de vento e o moinho de maré e de se reconstruir a colonata e telheiro do forno central do conjunto a musealizar (Est. IV-1).

As questões mais interessantes neste âmbito são, todavia, as que se colocam naqueles casos em que se impõe uma estreita colaboração entre o critério de restauro a aplicar e a interpretação dos valores patrimoniais em causa.

Um dos exemplos que os projectos em análise permitem referenciar é o dos moinhos de vento cujas características tipológicas sofreram alterações no seu derradeiro período de funcionamento, pois as transformações sofridas só são patenteáveis mediante a manutenção do estado de ruína em que os engenhos foram estudados (Est. III-1).

O programa interpretativo referente ao interior do moinho de maré implica a adopção de um critério comparável, pois as suas características técnicas são de molde a que o seu funcionamento só possa ser devidamente compreendido possibilitando-se a observação de componentes que se situam abaixo do nível do solo (Est. IV-2).

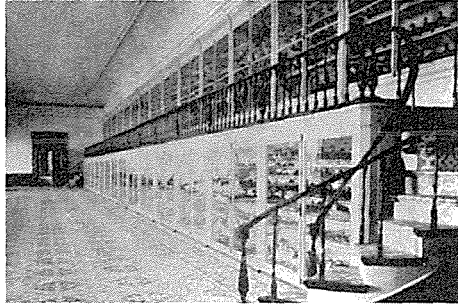
Estes aspectos permitiram fundamentar, no caso deste projecto, as decisões de ordem global, que foram a de manter o aspecto geral de ruína que o interior do moinho apresentava, aproveitando esse facto para proporcionar aos visitantes a observação das componentes da parte inferior do engenho, postas a descoberto pelo próprio processo de degradação do edifício ou por meio de escavações (Est. IV-3).

A coerência do programa obriga então a que se recorra a modelos reduzidos em todas as soluções interpretativas que impliquem reconstituições, incluindo aí uma tentativa de apresentação geral do antigo interior funcional do moinho. A interpretação dos testemunhos mais significativos ainda subsistentes operar-se-á mediante uma articulação adequada com elementos informativos e materiais de animação.

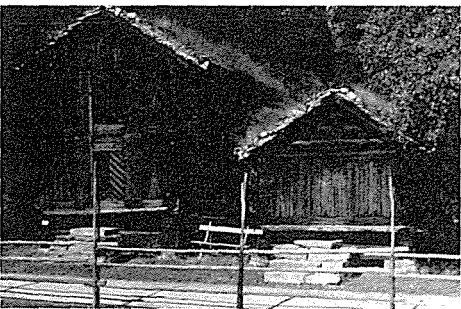
Este último exemplo permite evidenciar de novo a importância que assumem as decisões de ordem global, comentadas a propósito da segunda questão apresentada, e que acabam por conferir a cada um dos sítios musealizados uma aparência geral e características próprias.



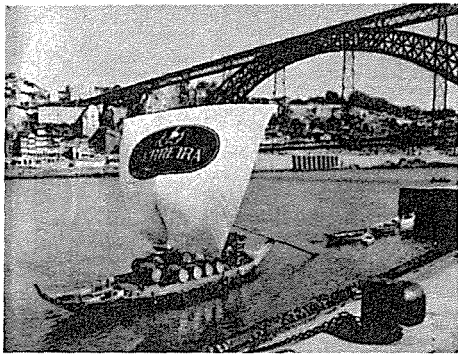
1 — Museu Ferrante Imperato (1550–1630), em Nápoles.



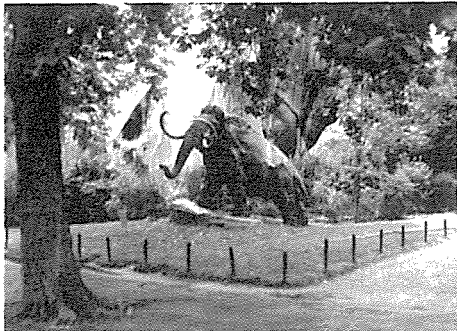
2 — A nova Sala de Zoologia do Museu de História Natural do Museu da Universidade de Coimbra.



3 — Museu ao ar livre de Bigdoy, em Oslo.



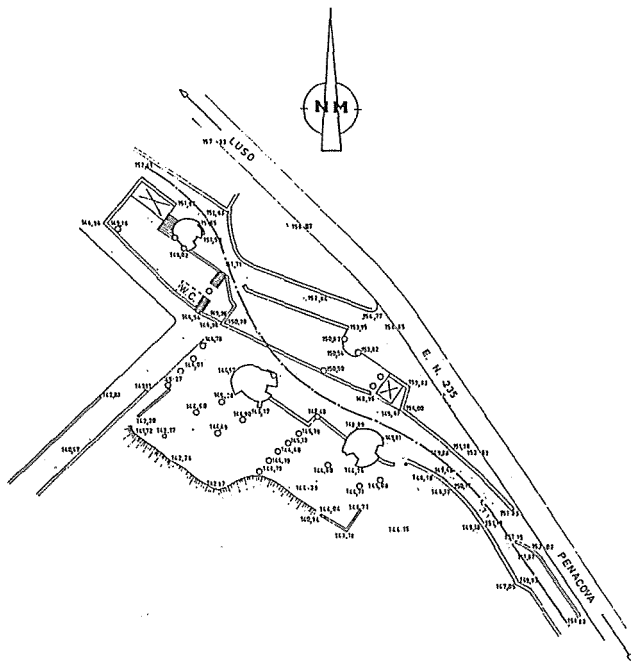
4 — Um exemplo de musealização – barco rabelo ancorado junto a Vila Nova de Gaia



1 — Fauna pré-histórica apresentada através de modelos em tamanho natural, no Parque Zoológico em Paris.



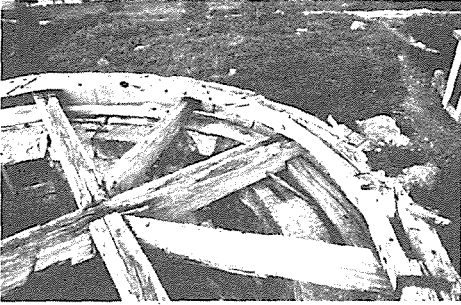
2 — Trabalhos de escavação visando caracterizar tecnologicamente antigos fornos de cal.



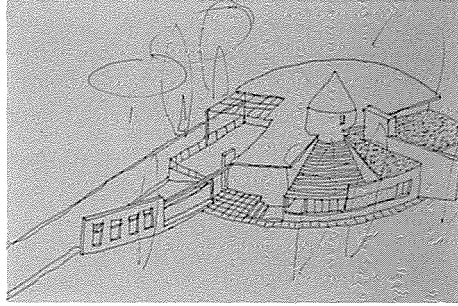
ESTRADA REAL

gat coimbra		Rua Infanta D. Maria, Bloco V 1/c A e D, 3001 COIMBRA Tels. 755 30 e 755 89	
data projectar		data desenhou	
d. e. E. H. PENACOVA			
s/bre FORNOS DE CAL		código 06/PE11/069	
fase		parte	
desenho PLANTA TOPOGRÁFICA			
esc. 1:500		tipo	
ref. 1287	()	1	

3 — Planta geral do conjunto de fornos de cal do Casal de Santo Amaro, mostrando o traçado da antiga «estrada real» que outrora o atravessava.



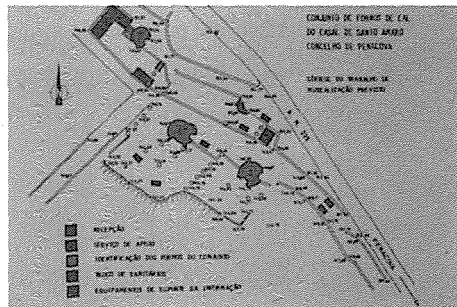
1 — Parte superior de um moinho de vento arruinado, vendo-se componentes pertencentes ao tipo de tracção por meio de grade e ao tipo de rotação por meio de sarilho interior, o que evidencia uma modificação das suas características técnicas.



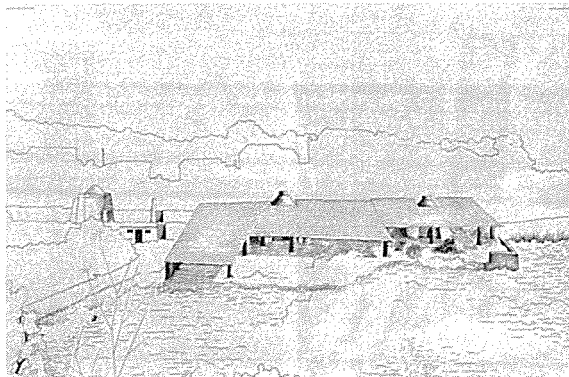
2 — Esboceto proposto para o futuro centro interpretativo do conjunto de moinhos de vento.



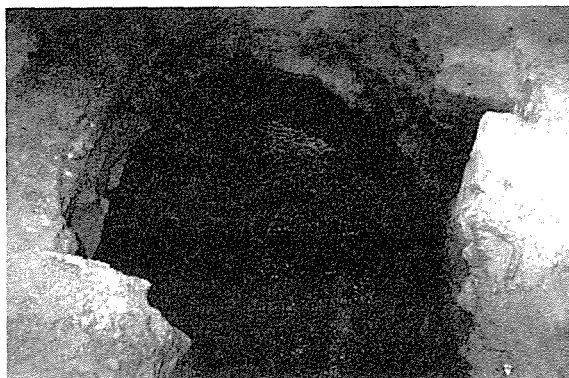
3 — Musealização do campo militar da batalha de Aljubarrota.



4 — Planta sintetizando o programa de musealização em curso no conjunto de fornos de cal.



1 — Antevisualização dos trabalhos de reconstrução a efectuar no conjunto de fornos de cal.



2 — Estado de ruína de uma das câmaras de rodízios de um moinho de maré, cuja manutenção irá possibilitar a observação do interior dessa componente.



3 — Aspecto geral de ruína do interior do moinho de maré, que o programa de musealização pretende manter.